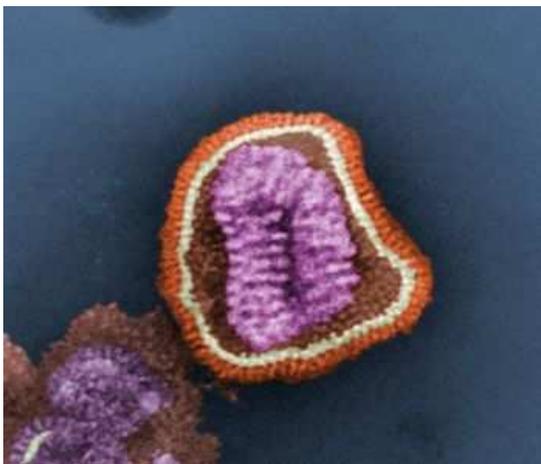


A GRIPE “A”- H1N1

Perspectiva veterinária

A gripe é uma doença causada por um vírus da família *Orthomyxoviridae*, género *Influenza*, sendo conhecidos três tipos: A, B e C. O tipo A é o mais comum, podendo infectar diversas espécies de animais, principalmente as aves, mas também os suínos, os equídeos e os humanos. O tipo B, afecta principalmente os humanos, mas esporadicamente também pode afectar cães, gatos e suínos. Quanto ao tipo C, este afecta predominantemente o ser humano e não tem grande importância clínica, podendo nem apresentar



sintomas.

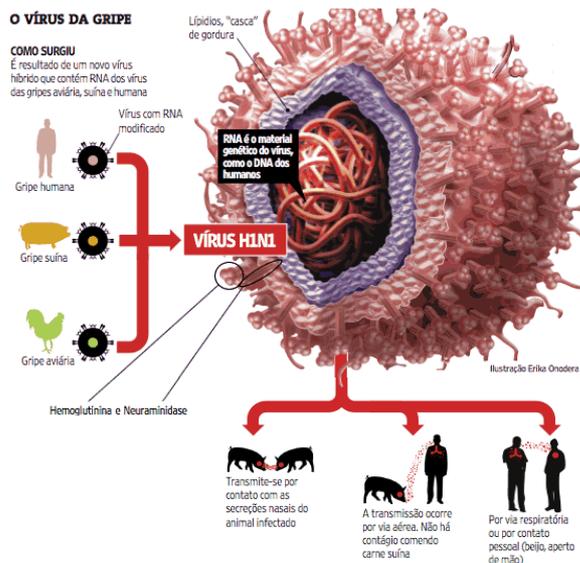
Vírus da Influenza, foto de CDC/C. Goldsmith

Os vírus do tipo A são os que sofrem com maior frequência mutações genéticas, o que faz com que o sistema imunitário dos humanos e dos animais tenham dificuldade em reconhecê-los e, no caso de essas mutações serem muito significativas, a total ausência de imunidade pode dar lugar a uma epidemia

de escala mundial, ou seja, uma “pandemia”.

Com efeito, o tipo A está historicamente associado às epidemias mais graves e cujos exemplos mais recentes são a gripe aviária do subtipo H5N1 e a denominada Gripe A do subtipo H1N1, em curso.

O genoma (material genético) do vírus da gripe do tipo A é constituído por 8 segmentos de ARN (ác. ribonucleico), dos quais um deles codifica a Hemaglutinina, uma glicoproteína que permite ao vírus fixar-se dentro de uma célula, infectando-a, enquanto um outro segmento codifica a Neuroaminidase (Sialidase), outra glicoproteína que permite ao vírus actuar sobre a parede celular e infectar outras células do organismo. É sobre a Neuraminidase que actuam alguns dos medicamentos anti-virais, tal como o Oseltamivir (Tamiflu®). De acordo com estas glicoproteínas, que definem a sua natureza antigénica, o vírus tipo A pode apresentar-se em 16 subtipos H (Hemaglutinina) e 9 subtipos N (Neuroaminidase). Os subtipos mais conhecidos são o H5N1 e o H7N1, nos animais e o H2N2, H3N2 e H1N1 nos humanos.



Tradicionalmente as grandes epidemias de gripe em humanos foram designadas tendo em atenção o local de origem dos primeiros focos, como por exemplo a “Gripe Russa” (1889-90), a “Gripe Espanhola” (1918-19), a “Gripe Asiática” (1957-58) e a “Gripe de Hong-Kong” (1968-69), pelo que na opinião de alguns especialistas, atendendo à mesma ordem de razões, a recente gripe A do subtipo H1N1 dever-se-ia designar como “Gripe Mexicana”.

No entanto, este surto foi referido inicialmente como “Gripe Suína”, porque alguns dos genes deste novo vírus eram semelhantes aos dos vírus que habitualmente afectam os suínos nos Estados Unidos da América, mas estudos posteriores revelaram tratar-se de uma estirpe diferente, com dois genes comuns aos vírus que circulam nos suínos, na Europa e na Ásia, bem como genes aviários e humanos, constituindo aquilo que os cientistas chamam de “tripla reorganização”.

De acordo com um estudo publicado em Junho pela revista Nature, várias estirpes semelhantes, do subtipo H1N1, circularam em suínos durante mais de 10 anos, sem que fosse exercida a adequada vigilância epidemiológica. A este propósito, Daniel Perez, um perito da Universidade de Maryland, afirma que: *“Podemos exercer toda a vigilância que quisermos em humanos, mas se queremos realmente prevenir a pandemia de gripe é fundamental que haja uma mudança nos esforços a desenvolver na saúde animal”*.

Até à data, não há provas sobre a origem exacta da actual pandemia de Gripe A - H1N1, que continua a propagar-se de pessoa a pessoa, nem se estabeleceu um vínculo entre animais e os primeiros casos humanos mas, desde o seu início, a OIE (Organização Mundial de Saúde Animal) tem vindo a recomendar aos seus Membros para intensificarem a vigilância sobre potenciais infecções do vírus da gripe em suínos.

No entanto, a OIE, a OMS (Organização Mundial de Saúde), a FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação) e a OMC (Organização Mundial do Comércio), em comunicado conjunto, deixaram bem claro que a carne de suíno e os seus produtos, quando manejados de acordo com as práticas de higiene e cumprindo as normas internacionais, não constituem uma fonte de infecção da gripe.

Na sequência das recomendações da OIE e face à evolução da pandemia em Portugal, na possibilidade eventual da doença poder vir a transmitir-se ocasionalmente aos animais, a Direcção Geral de Veterinária emitiu em Julho passado uma nota de serviço alertando para a necessidade de ser necessário adoptar uma série de medidas, que têm por objectivo minimizar os impactos de uma eventual passagem do vírus humano para os suínos, nomeadamente em termos sanitários e económicos.

Deverão, por isso, os serviços veterinários oficiais regionais promover junto dos suinicultores a adopção de práticas que visem o reforço das medidas de biossegurança externa, adicionais às que já são adoptadas, nomeadamente:

- a) Uso sistemático e obrigatório de máscara de papel descartável para todo e qualquer indivíduo que, por razões de trabalho, entre em contacto directo ou indirecto com os suínos;
- b) Qualquer funcionário com sintomas de gripe não deve contactar com os animais;
- c) Proibir o acesso a todas as pessoas estranhas às instalações da exploração;
- d) Restrição máxima de circulação de veículos oriundos do exterior da exploração;

e) Desinfecção profunda e sistemática de todos veículos que acedam ao espaço da exploração (rodilúvios e arcos de duche);

f) Reforço da eficácia das barreiras físicas à entrada de vectores animados (ratos, insectos, etc.).

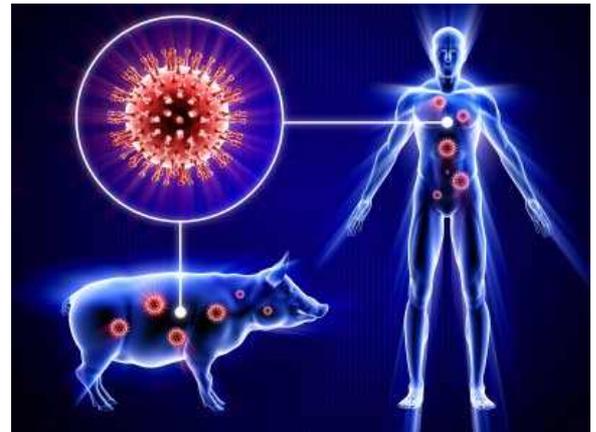


Foto de Henrik Jonsson / iStockphoto

Salienta-se, então, que para enfrentar esta ou outra zoonose é essencial o reforço das seguintes acções:

- informação/educação das populações
- biossegurança das explorações pecuárias e a
- colaboração entre os serviços veterinários oficiais e as autoridades de saúde pública.

*João Carlos de França Dória**

* Médico Veterinário, Técnico Superior responsável pelo Núcleo de Estudos Epidemiológicos da Direcção de Serviços de Produção e Saúde Animal da Direcção Regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural